

**LÍTERATURA MODERNISTA E DENÚNCIA SOCIAL: O  
ENGAJAMENTO EM *VIDAS SECAS* E *N'A BAGACEIRA***

*MODERNIST LITERATURE AND SOCIAL DENUNCIATION: THE  
ENGAGEMENT IN VIDAS SECAS AND A BAGACEIRA*

Lucas Rosa DA SILVA<sup>1</sup>, Bianca Pedrosa GONÇALVES<sup>2</sup>, Hernandes Bezerra DE SOUZA<sup>3</sup>,  
Rafael Rodrigues FEITOSA<sup>4</sup>

**RESUMO:** As narrativas de ficção também têm a capacidade de internalizar aspectos da realidade. O Romance do Nordeste caracterizou-se pela denúncia das mazelas existentes no Brasil da época. Este trabalho tem como objetivo destacar os relatos de problemas sociais nas obras *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, tendo como base teórica e metodológica discursos de Albuquerque Jr. (2006), Candido (2006), Lafetá (2000) e Sevcenko (1999). Buscamos contextualizar o período histórico em que as produções estão inseridas e as denúncias sociais percebidas nelas, a fim de destacar o papel de protesto da literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** A Bagaceira; Vidas Secas; problemas sociais.

**ABSTRACT:** Fiction narratives also have the ability to internalize aspects of reality. Romance do Nordeste was characterized by the denunciation of the ills existing in Brazil at the time. This work aims to highlight the reports of social problems in the writings *A Bagaceira*, by José Américo de Almeida, and *Vidas Secas*, by Graciliano Ramos, having as theoretical and methodological basis discourses by Albuquerque Jr. (2006), Candido (2006), Lafetá (2000) and Sevcenko (1999). We aim to contextualize the historical period in which the productions are inserted and the social complaints perceived in them, in order to highlight the protest role of literature.

**KEYWORDS:** A Bagaceira; Vidas Secas; Social problems.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. E-mail: lucas03062003@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. E-mail: bianca\_pedrosa07@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa, Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras, Paraíba, Brasil. E-mail: hernandessouza210@gmail.com

<sup>4</sup> Graduando em Letras – Português/Inglês, Universidade Estadual de Goiás, Posse, Goiás, Brasil. E-mail: rafaellrodrigues@gmail.com

## 1 Introdução

Desde a gênese da humanidade, o homem convive com o dilema de distinguir as boas das más ações. Com o passar do tempo, a vida em sociedade foi se moldando, e com ela surgiram ações passíveis de julgamento. A isso deu-se o nome de crítica. Essa pode ser vista como o “exame, habilidade em avaliar uma ação” (SCOTTINI, 2014, p. 269). Como a vida coletiva é formada por indivíduos distintos, a sociedade adotou o pensamento crítico para avaliar o comportamento dos agentes sociais em geral e as ações que esses realizam.

A literatura adotou a crítica social como forma de denunciar as mazelas que estão presentes na sociedade. Geralmente, os alvos da crítica são a desigualdade social e econômica, a pobreza extrema e questões de cunho cultural. Situando-se num terreno fértil para esta discussão, temos, no Modernismo brasileiro, a Geração de 30: responsável por uma literatura social, que se preocupava em evidenciar os problemas pelos quais a sociedade passava na época, mas que carregava consigo temáticas universais como a fome, a miséria e a exploração no trabalho. “Nos anos 30 houve sob este aspecto uma perda de auréola do Modernismo, proporcional à sua relativa incorporação aos hábitos artísticos e literários” (CANDIDO, 1989, p. 185).

Destarte, o objetivo do presente trabalho será mostrar de que forma Graciliano Ramos e José Américo de Almeida, em *Vidas Secas* e *A Bagaceira*, respectivamente, apresentam os problemas sociais da região nordestina, bem como investigar qual era o propósito do grupo de escritores que desenvolveu as produções literárias do que se chama de Romance do Nordeste.

## 2 Fundamentação teórica

A presente pesquisa busca refletir sobre a forma como a Geração de 30 manifestou os problemas sociais em suas produções. Este trabalho fundamentar-se-á nos discursos de Candido (2006), Lafetá (2000), Alencastro (1987), Carpeaux (2012) e Sevcenko (1999), que contextualizam o período histórico no qual foram produzidas as obras que representam o Romance do

Nordeste. O engajamento realizado pela literatura modernista caracterizou-se por denunciar as mazelas das populações menos favorecidas.

### **3 A Semana de Arte Moderna e o início do Modernismo no Brasil**

A Semana de Arte Moderna (1922) representou uma revolução no campo das artes brasileiras. O evento foi o primeiro encontro artístico a reunir várias tendências que vinham ganhando espaço após o fim da I Guerra Mundial. Impulsionados pelo desejo de repensar a maneira de produzir arte, os artistas da época deram início a um novo movimento literário que objetivava um pensamento crítico acerca da produção literária. A Semana de Arte Moderna

“foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas” (CANDIDO, 2006, p. 125).

A busca por inovação, a liberdade da criatividade, o rompimento com os padrões formais, a irreverência e a adesão a uma literatura, por muitas vezes, cômica, foram umas das principais características do que se chama de Modernismo.

Figura 1 - Cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922



Fonte: Revista Prosa Verso e Arte<sup>5</sup>

Os organizadores da Semana de Arte Moderna “acreditavam atingir seus objetivos revolucionários por meio do riso, a descontração jovial, a irreverência” (MOISÉS, 2019, p. 26). Prova disso são *Macunaíma*, que narra a história de um índio com comicidade, *Paulicéia Desvairada*, que utiliza uma linguagem simples e erros gramaticais intencionais, e *Os sapos*, de Manuel Bandeira, no qual se nota críticas às Escolas anteriores. Os responsáveis pelo segundo momento do Modernismo buscaram fugir em parte da estética seguida por Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade. Isso aconteceu, porque há uma “dualidade estilística predominante entre os regionalistas, que escreviam como homens cultos nos momentos de discurso indireto” (CANDIDO, 1972, p. 807), e quando era utilizado o discurso indireto, tanto a escolha dos vocábulos quanto as construções sintáticas eram marcadas pelos traços do homem rústico.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.revistaprosoversoarte.com/semana-de-arte-moderna-de-1922/>. Acesso em: 16 de maio de 2022.

#### 4 O Romance do Nordeste e seus ideais

Na literatura, por se tratar de um estilo que se estendeu ao longo do século XX, o desvairismo reuniu escritores que tratavam dos mais variados temas, mas que possuíam em seu íntimo a necessidade de fazer críticas ao tradicionalismo e exibir, em tom de denúncia, os problemas específicos das regiões do Brasil. Os escritores dessa corrente se preocuparam em estabelecer a literatura como veículo de protesto social:

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendre idéias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega faziam” (SEVCENKO, 1999, p. 233).

Então, o Modernismo foi responsável por promover mais um momento literário no qual se fazia presente a literatura engajada. Essa, compromissada com questões ideológicas, mostrou o lado mais preocupado dos escritores com problemas político-sociais. Para Lafetá (2000, p. 126), “seu apelo ao engajamento foi a expressão de um sentimento que àquela altura pertencia a grande parte dos intelectuais do país”. A partir disso, surge a necessidade de se voltar à problemática brasileira. É quando a preocupação com as experimentações formais da primeira geração dá lugar à “literatura social” (LAFETÁ, 2000, p. 126).

O engajamento fez-se presente em maior dose no Romance do Nordeste, que tem início em 1928, e é com a publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, onde aparecem os primeiros retratos do Nordeste brasileiro. A seca, os retirantes, a miséria e a fome são temas recorrentes nas obras de Rachel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos, por exemplo. Para Guerreiro (2017),

o conceito de engajamento está estritamente ligado às intensas relações entre política e sociedade, assim sendo, essas relações perpassam pelos estudos e reflexões da economia, filosofia, sociologia e literatura. Cada qual desses campos entendem e tratam o ato de engajar-se sobre diversas perspectivas, de forma que na literatura ele é entendido como uma prática muito comum e

quase que natural entre os escritores de diversas épocas e de diversas maneiras. A poesia e o romance constituem os dois principais gêneros literários usados, por autores, como instrumento de denúncia e manifestação a uma luta social referente, sobretudo, a questões políticas e sociais. Entende-se por engajar-se o ato de colaborar, direta ou indiretamente, em prol de uma causa, um ideal, geralmente político-social.

Os problemas sociais são o centro da denúncia da Segunda Geração Modernista. Otto Maria Carpeaux lança sua visão sobre a produção literária dos escritores nordestinos, que, apesar de se limitarem ao espaço da região do Nordeste brasileiro, superaram os limites dos seus ideais, trazendo em suas obras uma literatura de valores universais:

A evolução da literatura brasileira foi totalmente diferente. Nela não existe um movimento comparável à evolução do romance hispano-americano dos últimos dois decênios. Em vez disso, houve outro movimento, nada inferior quanto ao valor, mas limitado a determinada região do país, ao Nordeste, que se caracteriza menos pelo fenômeno climático das secas do que pela extrema pobreza das populações e pela estrutura semifeudal de organização da sociedade. Uma literatura regionalista, então, mas que procura e encontra os valores universais do sofrimento humano e da esperança de salvação no futuro (CARPEAUX, 2012, p. 144-145).

“Os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura” (CANDIDO, 1989, p. 182). Isso se deveu ao movimento revolucionário que ocorria no Brasil, a Revolução de 30, que se situava “na convergência de uma dupla mutação” (ALENCASTRO, 1987, p. 20). Em primeiro plano estava a territorialização do trabalho, e o outro ponto é a gênese de um proletariado nacional. Dessa forma, o romance de 30, também conhecido como romance neorrealista, trouxe um olhar especial para o meio sociocultural no qual os personagens estavam inseridos. A literatura engajada teve na segunda geração modernista o auge do engajamento, onde os autores das produções literárias buscaram formas de denunciar as condições sociais nas quais as populações das regiões menos favorecidas viviam. Nesse sentido, em *A invenção do nordeste e outras artes*, Albuquerque Júnior aponta para a tentativa de aproximação entre o escritor e o povo da região em questão, além de descrever a

situação na qual se encontrava a região Nordeste do Brasil, abalada pelos fatores climáticos e pertencimento social:

Seus autores procuram e engajam na luta entre os vários projetos que surgem para a nação neste momento de transição, desde as propostas conservadoras até as revolucionárias. Para isso, eles tentam se aproximar do “povo”, adotando temas e formas de expressão de origem popular como forma de denunciar as condições sociais em que viviam (...) O “romance de trinta” aborda a partir de enunciados sociológicos, as “várias realidades do Nordeste”, levando à superação da tradicional dicotomia que atravessava a produção regionalista naturalista, entre litoral e interior. O homem do interior deixa de ser visto como um ser exótico, pitoresco, que não se encaixava nos padrões emanados das cidades, e passa a ser abordado na sua constituição sociológica e psicológica, denotando o seu pertencimento a um todo social e não mais um ser estranho, apartado da realidade da civilização (ALBUQUERQUE JR., 2006, p. 110-111).

A caracterização do homem rústico deu lugar a uma proposta de inserção do indivíduo na sociedade. A sociologia é atrelada à literatura como uma forma de proporcionar uma reação do pensamento crítico, já que os elementos sociais têm contato mais direto e visível a partir de agora. A visão da própria personagem também mudará na ficção, fazendo com que ele pense nas situações de descaso, exploração, uso de poder, mesmo que sem qualquer reação direta que busque reverter a situação.

### **5 Fome, violência e miséria: problemas sociais em *Vidas secas***

Dentro desse contexto está o romance *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos. Contendo características semelhantes ao Realismo de Machado de Assis, a referida obra apresenta o retrato fiel da realidade social e de indivíduos que representam as classes sociais. Então, essa obra-prima de Graciliano Ramos nos mostra uma perspectiva sócio-histórica, trazendo para os leitores o puro pensamento com a função de denúncia social. A referida obra é um retrato da sociedade brasileira, e denuncia os problemas sociais que nela existem.

Publicada em 1938, *Vidas Secas* narra a história de uma família de retirantes sertanejos que fogem da seca que assola o sertão nordestino. A relação homem-espço é um fator importante para entender o universo ficcional das obras de Ramos, pois para Bosi (2021, p. 429): “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor. Naquele, há conaturalidade entre o homem e o meio; neste, a matriz de cada obra é uma ruptura.” Fabiano é o típico homem calado e sofrido do interior, acompanhado por Sinha Vitória, seus dois filhos, uma cachorra e um papagaio. Graciliano Ramos faz nessa obra uma inversão de caracterização e identidade entre as personagens. Primeiro, é evidente a animalização do personagem Fabiano, que é descrito em algumas passagens do romance como um ser “bruto” de características animais. Secundariamente, tem-se, na cachorra Baleia, um ser aparentemente pensante que apresenta sentimentos explícitos, seja por um simples olhar implorando piedade, seja pela consciência da situação de seu dono e sua família. O crítico Massaud Moisés aponta para dois pontos que têm atraído o público leitor:

Dois aspetos da *Vidas Secas* têm atraído a atenção dos leitores e críticos: o da cachorra Baleia, que acompanha os retirantes como um ser humano, cheia de afetividade e inteligência, protagonizando um capítulo que tem sido destacado (inclusive publicado pelo autor) como uma história independente, um conto. E o do “menino mais velho”, o da criança, nem sempre vista com propriedade, quando lhe é dado comparecer no microcosmos dos retirantes (MOISÉS, 2019, p. 204).

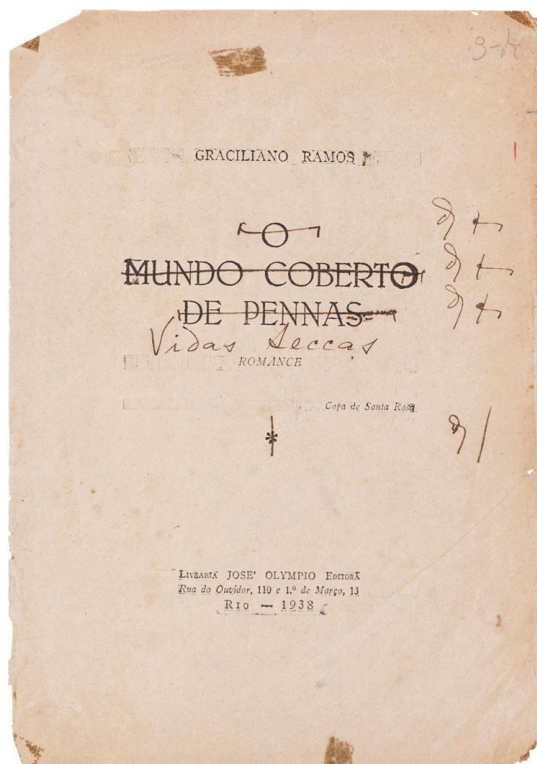
O que diferencia *Vidas Secas* de outros romances de Graciliano Ramos é o caráter quase “independente” entre os capítulos e a narrativa em terceira pessoa, como aponta o ensaísta Antônio Candido (2006):

*Vidas secas* talvez seja o mais diferente. É o único escrito na terceira pessoa e o único a não ser organizado em torno de um protagonista absorvente, como João Valério em *Caetés*, Paulo Honório em *São Bernardo*, Luís da Silva em *Angústia*. É também o único cuja composição não é contínua, mas feita de pedaços que poderiam ser lidos isoladamente. Muitos deles foram publicados antes como peças autônomas, e talvez a ideia inicial não tenha sido a de um “romance” (CANDIDO, 2006, 144-145).



Graciliano Ramos realizou em *Vidas Secas* um trabalho parecido com *Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, ao limitar o espaço, que nesse caso é a região Nordeste do Brasil, mas estende o caráter universal de sua obra, evidenciando as angústias, a desesperança e a busca pela melhoria de vida. Talvez a ideia inicial de Graciliano Ramos não fosse a de um romance. O escritor alagoano possui um estilo arquetetônico de composição extremamente raro. Todos os capítulos possuem autonomia e independência, sem prejuízo de sentido e interligação do enredo. O título que dava nome à obra do escritor alagoano não era “Vidas Secas”, inicialmente, mas sim “O mundo coberto de penas”, tal como mostra o original do romance:

Figura 2 – Título anterior de Vidas Secas



Fonte: Revista Pesquisa FAPESP<sup>6</sup>

Mesmo não sendo um tema novo na literatura brasileira, a seca, trazida por José Américo de Almeida n' *A Bagaceira*, e posteriormente por Rachel de Queiroz, teve em Graciliano Ramos os maiores reflexos do universo psicológico dos personagens. Na visão de Almir de Andrade, “em Vidas secas não vemos a

<sup>6</sup> Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/intimidade-sertaneja/>. Acesso em: 14 de maio de 2022.

sociedade do alto [...], mas a surpreendemos na repercussão profunda dos seus problemas, através de vidas humanas que vão passando, a braços com a miséria, perseguidas por opressões e sofrimentos”(ANDRADE, 1938, *apud* CANDIDO, 2006, p. 148). Já no início do romance, o escritor mostra-nos o cenário e a situação na qual se encontrava a família de retirantes ao mesmo tempo em que descreve o espaço no qual se passa a narrativa:

Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros pareceu longe, através dos galhos pelados da caatinga rala (RAMOS, 2020, p. 7).

Fabiano, Sinha Vitória e os dois filhos estavam sempre mudando de um lugar para o outro em busca de melhores condições de vida e enfrentando a aridez e escassez do sertão; ficavam, portanto, sujeitos ao nomadismo. Para Bosi (2003a, p. 19), “Graciliano Ramos vê o migrante nordestino sob as espécies da necessidade. É a narração, que se quer objetiva, da modéstia dos meios de vida registrada na modéstia da vida simbólica.” Dessa forma, “narrar a necessidade é perfazer a forma do ciclo” (BOSI, 2003b, p. 20). Ciclo este que se comporta como um pêndulo, já que “entre a consciência narradora [...] e a matéria narrável [...] opera um pensamento desencantado, que figura o cotidiano do pobre em um ritmo pendular: da chuva à seca, da folga à carência, do bem-estar à depressão, voltando sempre do último estado para o primeiro” (BOSI, 2003c, p. 20). Há uma mistura de aspectos sociais e naturais. Aqueles são produtos desses, e juntos são os fatores responsáveis pela existência do sofrimento do homem sertanejo. A família de retirantes tinha pela frente uma grande caminhada. Os filhos eram obrigados a suportar o aborrecimento do pai, e Sinha Vitória, que compreendia a falta de carinho do marido com os filhos, vivia mais que nunca a falta de perspectiva. O principal problema acarretado pela seca é a fome. Talvez, tendo consciência disso, Baleia, o ser humanizado, usa seu instinto animal para a caça na tentativa de ajudar a família com a qual vivia:

Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de

Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo (RAMOS, 2020, p. 12).

A fome era tanta que a cachorra Baleia, considerada um membro da família, conseguiu comida e levou até eles; achavam que estavam sonhando de tanta felicidade pelo feito da cachorra. Mas, o que Graciliano destaca aqui é a consideração e humanidade de Baleia em ter a atitude de dividir o pouco alimento que tinha em uma época de tanta fome e seca. Essa “humanização” da cachorra Baleia, para Candido (2006, p. 149), “institui um parâmetro novo e quebra a hierarquia mental [...], pois permite ao narrador inventar a interioridade do animal [...]”. Podemos notar também a despreocupação dos personagens com a sujeira do animal, já que a alegria de ter o que comer ultrapassava qualquer outro sentimento.

Outro problema visível em *Vidas Secas* é a violência. Fabiano, em uma de suas andanças à cidade, arruma confusão e acaba espancado por uma das autoridades de segurança urbana:

Então por que um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações:  
— Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita (RAMOS, 2020).

Mesmo tendo consciência das más práticas do governo, Fabiano não via modos de se proteger ou contestar as agressões que sofria. Cabia a ele o silêncio frente à temência da ordem imposta. Além de toda a miséria causada pela seca, havia ainda a miséria imposta pela influência social, representada pela exploração dos poderosos aos donos das terras de toda a região. Tanto que a prefeitura cobrava altíssimos impostos, e Fabiano, que também estava inserido nesse meio, acabou, mais uma vez, perdendo tudo. Graciliano Ramos atinge o ponto mais íntimo da psicologia dos personagens. Na passagem que segue, Fabiano vê-se inferior ao homem citadino:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso, desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os

negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis (RAMOS, 2020, p. 74).

Fabiano não tinha estudo, vivia e sobrevivia do que a terra lhe oferecia. Então, sentia-se inferior a todas as pessoas da cidade. O analfabetismo tornava Fabiano vulnerável às vontades dos outros e vítima daqueles que queriam roubá-lo de alguma forma. Seu desconhecimento acerca das letras e dos números o tornou leigo para assuntos em que há necessidade de “saber das coisas”. Graciliano Ramos apresenta os problemas da vida sertaneja: a miséria, a fome, a violência, o analfabetismo e, ao mesmo tempo, denuncia atos irresponsáveis que se aplicam à grande parcela das pessoas em geral, como o aproveitamento frente à inocência alheia.

## **6 Os retirantes, o analfabetismo e as injustiças sociais: mazelas da sociedade n’*A Bagaceira***

Influenciado pela Semana de Arte Moderna, José Américo de Almeida atinou a ideia de que o Nordeste deveria fazer parte do estilo que se iniciava. É notável, em sua principal obra, que o autor paraibano realizou um grande esforço para exibir a verdadeira realidade brasileira. Para Figueiredo (2019), “*A Bagaceira* é o poema do sertão nordestino, ou melhor, o poema da humana vaga sertaneja, em seu perpétuo rolar do sertão definido, heroico e idílico, às terras mestiças, sensuais, dispersivas, cruéis [...]”. A formação de José Américo foi indiscutivelmente clássica, dessa forma, seus textos apresentam muitas características da estética naturalista-parnasiana. Apesar disso, pode-se notar, n’*A Bagaceira*, a supressão de frases e a substituição de vocábulos, que faz desse romance uma obra ímpar.

*A Bagaceira* internalizou muitas das memórias de seu autor. Prova disso é a similaridade de acontecimentos da vida do escritor com o que é mostrado no romance. A exemplo, tem-se a forma como Major Quincas chega à cidade de Areia e o modo como o corpo de Dagoberto é transportado após sua morte: “quando trouxeram o morto bifurcado na sela, com as pernas atadas por baixo, os braços pendentes quase com as mãos na terra, bamboleando, a cabeça espedaçada lambendo as crinas assanhadas [...]” (ALMEIDA, 2017, p. 236). A

obra aparece como agente denunciador da seca do Nordeste, exibindo as consequências desse fenômeno climático:

Era o êxodo da seca de 1898. Uma ressurreição de cemitérios antigos - esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres. Os fantasmas estropiados como que iam dançando, de tão trôpegos e trêmulos, num passo arrastado de quem leva as pernas, em vez de ser levado por elas. Andavam devagar, olhando para trás, como quem quer voltar. Não tinham pressa em chegar, porque não sabiam onde iam. Expulsos do seu paraíso por espadas de fogo, iam, ao acaso, em descaminhos, no arrastão dos maus fados. Fugiam do sol e o sol guiava-os nesse forçado nomadismo. Adelgaçados na magreira cômica, cresciam, como se o vento os levantasse. E os braços afinados desciam-lhes aos joelhos, de mãos abanando. Vinham escoteiros. Menos os hidrópicos - doentes da alimentação tóxica - com os fardos das barrigas alarmantes. Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma. Eram os retirantes. Nada mais (ALMEIDA, 2017, p. 86).

O fenômeno da retirada serve de base para todas as produções que têm a seca como tema central dos conflitos regionalistas. Cabe ressaltar que a seca não se restringe ao processo de composição ficcional, mas que tem muito do interesse historiográfico. Na passagem acima, é possível perceber a representação concreta dos desastres humanos. A migração sertaneja passa de um fenômeno climático para um fenômeno social; a bagaceira se preocupa, então, em denunciar os descasos dos eixos político e governamental. “A literatura das secas tende a incorporar a narrativa paulina de que a tortura do corpo, a flagelação da carne humana está a serviço da purificação das almas, de sua salvação” (ALBUQUERQUE JR., 2017, p. 239). Para o crítico, o fenômeno da retirada seria um pagamento pelas más ações, bem como a certeza de que o martírio salvaria as almas dos retirantes. Arelado ao problema da seca, está a deficiência do nível de instrução da população, tal como se vê na passagem que segue:

- Patrão, eu não me sujeito. O patrão sabe que eu não enjeito parada: sou um burro de carga. Mas-porém, nascer pra estrebaria não nasci.  
Dagoberto não quis saber mais de nada:  
- Pois, por ali, caabrassafado! Você não nasceu pra estrebaria: nasceu foi pra cangalha!

Xinane continuou a coçar a cabeça, como se procurasse despertar uma ideia [...] (ALMEIDA, 2017, p. 93)

Destaca-se aqui a exploração da mão-de-obra. O patrão se mostra insensível, e faz valer a sua autoridade. As más relações entre o dono da terra e os seus empregados são evidentes. O analfabetismo do personagem em questão, assim como Fabiano, denuncia mais um dos problemas da região: a falta de instrução dos que dela fazem parte. Dessa forma, entende-se que a concatenação de todos os problemas nos apresenta um “Nordeste daqueles que só têm o céu para poderem clamar, pedir de joelhos. Pedintes e de joelhos, eis o povo nordestino, maltrapilho, sobre o qual parecem sempre pairar a desgraça, a morte, os urubus” (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 281).

No decorrer do romance, nos são apresentados também alguns aspectos da tradição da região Nordeste. Fazendo uma mistura entre a descrição das feiras da cidade e a linha econômica, José Américo de Almeida nos mostra as especificidades do comércio tradicional nordestino:

Pouco interessavam os lugares-comuns da feira:

- As crianças areienses, como querubins evadidos do céu vizinho. Meninos brancos com uma exposição de rosas nas faces.

- Uma mulher vendendo um papagaio. 10\$000. Ninguém queria. Dava por menos: 8\$000, 6\$000... E, com o papagaio no dedo, beijando-o, cheirando-lhe as asas. Afinal, vendeu-o e entristeceu, porque não tinha mais, em casa, quem lhe chamasse pelo nome...

- Por esse preço, volto com ele.

- Galdino Cascavel era um velho excêntrico. Trazia a carga de corda de coroa num boi encangalhado. E, às tantas horas, comia, em plena feira, rolos de cobra com farinha seca. - Vendiam faca de ponta e cachaça, para que a polícia e a justiça cumprissem, depois, o seu dever. [...] Moeda corrente: pelega, bagarote, selo, cruzado, pataca, xenxém...

[...] A feira desarticulava-se. Barafustava-se na incerteza do rebuliço. Um cego, com os olhos brancos volvidos para o céu, levou, maquinalmente, as mãos aos bolsos. Então, o guia, um garoto de ombro baixo, fez-lhe uma careta que é a forma menos agressiva de injuriar a quem não vê.

[...] Apitos, apitos. O ladrão escapara-se pela ladeira do Quebra. E os soldados apoderavam-se dos cavalos da feira para encalçá-lo (ALMEIDA, 2017, p. 152-154).

Os romancistas de 30 trouxeram muito da cultura, do tratamento linguístico típico dos habitantes da região, e, além disso, algumas discorrências acerca do sistema econômico. Podemos notar, mais uma vez, o uso das memórias do autor para a composição da ficção. Os objetos à venda são, no mínimo, interessantes. A forma como o escritor aborda a tentativa de venda do papagaio denuncia a dependência de recursos financeiros da população. A minúcia de detalhes do autor funciona, pois, como um “depósito de temas” (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 526), e que faz d’*A Bagaceira* um veículo de denúncia, valorização da cultura local e engajamento preciso.

### **Considerações finais**

A literatura é o meio pelo qual a sociedade manifesta seus pensamentos, ideologias e conseqüentemente constroem um ambiente rico em temáticas sociais. Nesse sentido, as perspectivas de Graciliano Ramos e de José de Américo de Almeida em *Vidas Secas* e a *Bagaceira* possibilitaram a representação da realidade de um nordeste fragilizado e esquecido pelas elites econômicas. A reflexão geral, contextualizada pelos principais intelectuais, elucida a descontração de um tradicionalismo intelectual, no qual os escritores se comprometem em denunciar o que o povo está vivenciando naquele período, como forma de realizar um processo de senso crítico por meio das obras.

É nítido, após todos os estudos realizados a respeito das duas obras, que a literatura presente vai muito além da sua própria roupagem literária, conseguindo abarcar toda uma realidade político-social de determinado espaço e momento histórico. Desse modo, nota-se que as denúncias realizadas no decorrer das narrativas não se configuram como algo esporádico, mas com intenção direta de escancarar uma realidade cruel, porém verdadeira, enfrentada por grande parte do povo nordestino daquela época, em virtude das condições climáticas e políticas em que se encontravam, como a fome, a falta de instrução, a violência e a miséria. Além de tudo isso, evidencia-se também o universalismo, presente ao retratar sobre sentimentos e situações concernentes a todos os indivíduos, independente da localidade e do período temporal em que estejam inseridos, tal como o sofrimento humano, permeado por desenganos, desventuras e frustrações. Assim, é possível entender os mais diversos aspectos

que influenciam em uma determinada realidade, além de detectá-los através de textos literários em que são muito bem explicitados, como em *Vidas Secas* e *N'A Bagaceira*.

### Como citar este artigo?

DA SILVA, L. R.; GONÇALVES, B. P.; DE SOUZA, H. B.; FEITOSA, R. R. Literatura modernista e denúncia social: O engajamento em *Vidas Secas* e *N'A Bagaceira*. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 306-322, 2022.

### Referências

DE ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 3ª ed. – Recife: FJN, Editora Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

DE ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. *As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX*. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol.33, n. 61, jan/abr, 2017.

DE ALENCASTRO, Luiz Felipe. *A Pré-Revolução de 30*. *Novos estudos CEBRAP*, nº 18, 1987. p. 17-21.

DE ALMEIDA, José Américo. *A bagaceira*. 45ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.  
BOSI, Alfredo. Céu, Inferno. In: *Céu, Inferno – Ensaio de Crítica Literária e Ideológica*. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 53. ed. São Paulo: Cultrix, 2021.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. *Ciência e cultura*, São Paulo, v. 09, n. 24, p. 803-809, 1972.

CANDIDO, Antonio. *A Educação Pela Noite e Outros Ensaio*. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. *As tendências contemporâneas por Carpeaux*. Rio de Janeiro: LeYa, 2012 (História da literatura ocidental ; vol. 10).



LITERATURA MODERNISTA E DENÚNCIA SOCIAL: O ENGAJAMENTO EM *VIDAS SECAS* E N’A *BAGACEIRA*

FIGUEIREDO, Jackson de. A fisionomia cultural do autor d’”A Bagaceira”. Instituto Jackson de Figueiredo, 2019. Disponível em: <<https://www.institutojacksondefigueiredo.org/coluna-do-patrono/jf-literatura/a-fisionomia-cultural-do-autor-de-a-bagaceira>>. Acesso em:

GUERREIRO, Anderson. O engajamento social em forma de literatura no Brasil. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – *CEERT*, 2017. Disponível em: <<https://www.ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/19212/o-engajamento-social-em-forma-de-literatura-no-brasil>>. Acesso em: 21 fev. 2022.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 288 (Coleção Espírito Crítico).

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira* (vol. III): desvairismo e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. e atual. São Paulo: Cultrix, 2019.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 148ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SCOTTINI, Alfredo. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Blumenau: Todolivro, 2014.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.